

cultura: imagens e representações

# ESTUDOS DO SÉCULO

# XX

número 8 . 2008

**Imagens da Liberdade:  
os exilados portugueses e a luta pela  
liberdade na Península Ibérica**

**Heloisa Paulo**

PAULO, Heloisa – “Imagens da Liberdade: os exilados portugueses  
e a luta pela liberdade na Península Ibérica”  
In: *Estudos do Século XX*, n.º 8 (2008), p. 87-103.

**Heloisa Paulo.** Doutora em História Contemporânea pela Universidade de Coimbra. Bolseira de Pós-doutoramento da FCT. Investigadora do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra – CEIS20.

## 1. Os exilados republicanos portugueses e a sua interacção com a vida política e a intelectualidade espanhola nos anos trinta.

“Hoy me anuncian que la revolución en Portugal será mañana. La noticia viene de parte de Corteçao, que le há dicho a Guzmán cuán agradecido me está. La outra noche me presentaron en la calle de Alcalá, un x presidente del Consejo de Portugal, que creo se llama Dominguez, no recuerdo bien. Estaba muy esperanzado”<sup>1</sup>.

A participação dos republicanos e demais opositores antisalazaristas portugueses na Guerra Civil espanhola já foi tema de estudos da historiografia espanhola e portuguesa<sup>2</sup>. No entanto, o relacionamento do chamado Grupo dos Budas, reunidos em torno de Jaime de Morais, Alberto Moura Pinto e Jaime Cortesão, revela um nível proximidade que extrapola o mero apoio às forças republicanas durante o conflito<sup>3</sup>. O caso do “Turquesa”, ocorrido em 1934, quando as armas que seriam trazidas pelos Budas para Portugal foram desviadas para a Revolta das Astúrias<sup>4</sup>, é apenas a ponta de um iceberg, agora revelado nas cartas pessoais trocadas entre estes republicanos portugueses e os seus companheiros espanhóis.

Em 1931, já Manuel Azaña nas suas “Memórias” evidencia o contacto existente entre os “Budas” e o universo político da República nos seus primeiros anos. É na casa do seu conselheiro pessoal, o escritor e político Martín Luís Guzmán<sup>5</sup>, que o fundador da Acção Republicana<sup>6</sup> encontra Jaime Cortesão e Moura Pinto. Azaña relembra o encontro e a existência de uma forte relação entre os “revolucionários portugueses” e o grupo socialista, manifestado nos esforços de Indalecio Prieto e na sua própria intervenção, para a libertação das armas que irão seguir para Portugal:

“Por la noche, después de cenar, voy a casa de Guzmán.[...] Le entero de lo que sucede, haciéndole ver com qué razón he desatendido las ultimas peticiones de Corteçao y sus amigos. Le explico cuánto me interesa saber dónde para el material. [...] En vista delo que yo le cuento, Guzmán envía un recado a Corteçao para que venga a verle.[...] El material está en España, cerca de la raya, y es tan numeroso como Pastor me había dicho. Sólo una parte ha pasado a Portugal. Me habla después del barco cargado de armas que tiene detenido en Copenhague, porque el Gobierno danés no le deja salir sin un permiso de tránsito por esse país. Esse permiso fue expedido porla Dirección

---

<sup>1</sup> AZAÑA, Manuel – “Madrid:1931”. In: *Memorias Políticas (1931.1933)*. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1996. p. 60.

<sup>2</sup> A maioria delas é referente ao período da Guerra Civil, como o clássico de OLIVEIRA, César – *Salazar e a Guerra Civil de Espanha*. Lisboa: O Jornal, 1987.

<sup>3</sup> Como exemplo, podemos citar o caso de Ferro Alves, ou ainda, os relatórios produzidos por informantes em Madrid e Paris, que relatam factos puramente fantasiosos a respeito dos republicanos. Ver nos processos individuais dos citados os relatórios anexos. ANTT, PIDE/DGS, Lisboa.

<sup>4</sup> A tentativa de deposição do governo de direita pelos socialistas, conhecida como Revolta das Astúrias leva à prisão Moura Pinto e Oliveira Pio e ao exílio para a França, Jaime Cortesão e Jaime de Morais. Sobre o tema ver, entre outros, BRADEMAS, John: *Anarcosindicalismo y revolución en España (1930-1937)*. Barcelona. ARIEL. 1974; Preston, P. *Revolución y guerra en España, 1931-1939*. Madrid. Editorial Alianza. 1986.

<sup>5</sup> Sobre o tema ver, entre outros, PORTAL, Maria. “El exilio madrileño de Martín Luis Guzmán”. In: *Anales de literatura hispanoamericana*, n.º 22. Madrid: Editorial Complutense, 1993, p. 257-266.

<sup>6</sup> Manuel Azaña é o principal líder da Esquerda Republicana em 1926. Sobre o tema ver, entre outros, PRESTON, Paul. *Las tres Españas de 1936*. Barcelona: Mondadori, 2004.

de Aduanas, de orden de Prieto. Resulta ahora que el permiso es insuficiente y que se necesita otro admitiendo el cargamento. [...] Corteção está muy contento de Prieto y de mí, y también de Domingo. Poco o nada de Lerroux.”<sup>7</sup>

Azaña descreve ainda os vínculos mantidos entre o banqueiro Horácio Echevarrieta e os Budas. Mais uma vez, o local de encontro é a casa de Guzmán e o memorialista cita Cortesão e Moura Pinto, chamado de More Pinto<sup>8</sup>, e o tema são as negociações de Echevarrieta para a manutenção dos contratos mantidos pelo banqueiro com o então governo português pelo futuro governo revolucionário. Neste quadro, o próprio memorialista deixa transparecer o nível mais próximo de relacionamento existente entre Echevarrieta e os portugueses, ao declarar que Cortesão teria mencionado o descontentamento do amigo capitalista com o governo de Lerroux e “sugerido” a Azaña a sua intervenção a favor do banqueiro, então em más condições económicas<sup>9</sup>.

Na verdade, apesar das atribuídas queixas contra os portugueses republicanos que lhe serão imputadas pela historiografia, mormente a Moura Pinto, a relação estabelecida entre Echevarrieta e os Budas é retratada de forma bem forte na correspondência trocada entre ambos<sup>10</sup>. Em uma carta, datada de 1933, Horácio Echevarrieta encaminha para Moura Pinto duas outras correspondências que havia recebido de alguém de nome Carlos Freire. Na primeira, Moura Pinto é apresentado como um “sub-secretário de Estado na ditadura de Sidónio Pais”, “odiado por todos os revolucionários”; Jaime Cortesão, “um modesto empregado de Biblioteca”, sendo Jaime de Moraes dito como o “único que participou de uma revolução, pois os demais não entraram em nenhuma”<sup>11</sup>. Numa segunda carta, o mesmo autor afirma que o grupo, através de Moura Pinto, “havia se aproveitado da boa fé” do Banqueiro Espanhol, ao obter um empréstimo para ser usado em nome da causa republicana<sup>12</sup>. De facto, Echevarrieta confirma nesta sua carta o envio de 450 mil pesetas para o grupo, ao mesmo tempo que afirma ser o envio da correspondência que recebera “um deber de amistad salir el paso de una campaña de muy mal gusto producida el parecer por sus enemigos personales y politicos”<sup>13</sup>. A tentativa de “convencer” o banqueiro a não cooperar com os Budas

---

<sup>7</sup> AZAÑA, Manuel – “Madrid: 1931”. In: *Memorias Políticas (1931-1933)*. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1996, p. 84-85. As referências feitas por Cortesão, citadas por Azaña, aos políticos Indalecio Prieto, do Partido Socialista Obrero Espanhol, Marcelino Domingo Sanjuán, do Partido Radical Socialista, ambos ministros do 2.º Governo da República, são repetidas inúmeras vezes na correspondência trocada entre os “Budas” no período da 3.ª República. Prieto, ou simplesmente Marcelino são citados em anotações durante e depois da Guerra Civil.

<sup>8</sup> É curioso que o Índice Onomástico apresenta Moura Pinto com o nome de Alexandrino Moura Pinto, uma curiosa junção de Alexandrino dos Santos e Alberto Moura Pinto, ambos activos na Guerra de Espanha. AZAÑA, M. *Memorias Políticas (1936-1939)*. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1996.

<sup>9</sup> Azaña entra em contacto primeiro com Prieto, sendo depois procurado por Echevarrieta que acaba por pedir que o governo espanhol comprasse às firmas, um submarino. *Memorias Políticas (1931-1933)*. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1996, p. 266 e 292.

<sup>10</sup> Ver, entre outros, CLÍMACO, Ana Cristina Pereira – *L' exil politique portugais en France et en Espagne: 1927-1940*. 4 v. Dissertação de doutoramento em Sociedades Ocidentais, apresentada à Universidade de Paris 7 (Denis Diderot). Paris, 1998. Texto policopiado.

<sup>11</sup> Carta de Carlos Freire, endereçada a Horacio Echevarrieta, datada de Madrid, 3 de Março de 1933. Arquivo Moura Pinto.

<sup>12</sup> Carta de Carlos Freire, endereçada a Horacio Echevarrieta, sem local e sem data. Arquivo Moura Pinto.

<sup>13</sup> Carta datada de Madrid, 30 de Setembro de 1934, endereçada a Moura Pinto. Arquivo Moura Pinto.

levou Carlos Freire à prisão, em 1935, acusado de espionagem, sendo que, nenhuma sombra de dúvida é levantada quanto à honestidade de Moura Pinto ou qualquer outro<sup>14</sup>.

No entanto, o círculo de relacionamento dos Budas é bem maior do que aparenta. O facto de pertencerem a Maçonaria amplia os contactos com os “irmãos” espanhóis, já que, para além de Moura Pinto, Morais e Cortesão<sup>15</sup>, são inúmeros os maçons entre os seus aliados, como é o caso de Nuno Cruz e Francisco Oliveira Pio. Existem menções a “fundação”, pelo grupo, de uma loja maçónica portuguesa em Espanha, na dependência da Gran Lógia Reginal del Centro de España<sup>16</sup>. Daí, o seu contacto com nomes sonantes do republicanismo espanhol, como Domingos Martinez Barrio, ou ainda, o próprio Manuel Azaña<sup>17</sup>.

Por outro lado, através da figura de Jaime Cortesão, os Budas ampliam a sua rede de relacionamento com a intelectualidade espanhola. Nomes como Gonçalo de Reparaz<sup>18</sup>, José Ballester<sup>19</sup>, Afonso Castelao<sup>20</sup> ou Julian Zugagoitia<sup>21</sup> estão presentes na correspondência existente nos arquivos mencionados, ultrapassando a mera relação pessoal existente entre estes e o historiador português.

Por fim, a proximidade ideológica faz com que o grupo fique próximo da Ala Socialista do Governo Republicano. Os vínculos de amizade que estabelecem com nomes, como o de Paulino Gomez Saiz, ministro da Governação no governo de Negrin<sup>22</sup>, ou ainda, Teodomiro Menendez, deputado socialista e subsecretário de Indalecio Prieto<sup>23</sup>, tratado

---

<sup>14</sup> Ver Relatório do Ministerio de la Defensa Nacional acerca da prisão de Carlos Fidelino Freire da Costa. Datado de 20 de Abril de 1938. Arquivo Moura Pinto.

<sup>15</sup> Jaime de Morais, militar, governador de Angola e da Índia, é iniciado na maçonaria em Luanda, em 1909, com o nome de Saint Just, usando-o em parte de sua correspondência política, no exílio. Alberto Moura Pinto entra para a Loja Tenacidade, em Águeda, no mesmo ano que Morais, adoptando o nome simbólico de Passos Manuel. Jaime Cortesão está vinculado à ordem com o nome de Guyau, entre 1911 e 1926, altura em que se afasta para, a ela, retornar, em 1934.

<sup>16</sup> Esta menção é feita por A. M. Gonçalves no site <http://www.freemasons-freemasonry.com/arnaldoG.html>, onde apresenta um historial da maçonaria em Portugal. Ele afirma que a loja fundada por Jaime de Morais e Moura Pinto, denominada República Portuguesa, irá “bater colunas” em 1936, quando da eclosão da guerra civil espanhola. No entanto, no Centro Documental de la Memoria Histórica, em Salamanca, há documentação referente a esta loja em nome de Filipe Mendes. TERMC, Expt 8, LEGATO 736.

<sup>17</sup> Tanto Azaña como Martinez Barrio são maçons, este último é grão mestre do Grande Oriente de Espanha. Sobre o tema ver, entre outros, FERRER, BENIMELI, José A, (coord) – *La Masonería en la España del siglo XX*. Toledo: Universidad de Castilla-La Mancha. 1996. 2vols.

<sup>18</sup> Gonçalo de Reparaz é geógrafo e escritor, sobre Reparaz ver, entre outros, JIMENEZ, I.S. – “El archivo de Gonzalo Reparaz”. In: *Documentos del Archivo Geographico*, 1999, nº34, p.211-227.

<sup>19</sup> José Ballester é nomeado assessor jurídico da Presidência do Conselho de Ministros logo no eclodir da Guerra Civil.

<sup>20</sup> Sobre as actividades políticas de Castelao ver, entre outros, VELASCO, Carlos – “Castelao no contexto histórico e político da II República”. In: *Actas do Simposio Castelao na Galiza do século XX* (ed. de Manuel Ferreiro e Xosé Ramón Freixeiro Mato). Universidade da Coruña, 1999.

<sup>21</sup> ZUGAZAGOITIA, José Maria Villarias – “Julian Zugagoitia, una vida dedicada el periodismo socialista”. In: *Revista Sistema*, n.º 149, 1999, p. 25 a 48.

<sup>22</sup> Em 1938, é presidente do Comité Central Socialista de Euskadi, sendo, ainda durante a Guerra Civil, director geral da Defesa do Governo Autonomo do País Basco e de delegado geral da Ordem Pública na Cataluna. Exilado em França após a guerra, parte daí para a Colúmbia.

<sup>23</sup> Teodomiro Menendez (Oviedo, 1879-Madrid, 1978) também está envolvido directamente nos acontecimentos de 1934, pelo qual é preso e condenado a morte. Libertado, em 1936 volta a exercer funções políticas. Sobre o tema ver: INIGUEZ, M. – *Esbozo de una Enciclopedia histórica del anarquismo español*. Granada, Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo, 1994.

na correspondência por “Teo”, para além dos outros nomes já mencionados, também eles políticos de influência na Espanha Republicana, revelam os estreitos laços estabelecidos entre os Budas e os socialistas, nomeadamente o Partido Socialista Operário Espanhol. No entanto, cumpre assinalar o vínculo que estabelecem com alguns sectores anarquistas e associações com a CNT.

Em 1936, o eclodir da Guerra Civil solidifica os laços existentes e abre uma nova etapa na relação entre Republicanos espanhóis e Portugueses. Para além da amizade e da proximidade ideológica, o grupo dos Budas participa activamente no combate e nas diligências do Estado espanhol durante todo o período de guerra.

## 2. A defesa da liberdade para a Península Ibérica: a Guerra Civil e a participação dos portugueses.

“Calcule que a mim e aos meus quatro filhos o Estado já nos deve muito mais que 10.000 pesetas. Falia o Banco de Espanha se nos pagassem tudo”.<sup>24</sup>

O manifesto apoio dos Budas à República Espanhola é um dos primeiros sinais de um comprometimento que ultrapassa os possíveis interesses do grupo em tirar “partido” do conflito. Assim sendo, a comunhão de ideais políticos, a frente comum contra o fascismo, personificado em Salazar e no avanço dos rebeldes, e a amizade pessoal unem os republicanos da Península numa relação que, em muito, ultrapassa os conflitos internos dos próprios membros da República Espanhola. Da parte do grupo dos Budas, a proximidade com Indalecio Prieto, supostamente alcunhado por “Black” não impede a relação com o “Black in”, ou seja, Negrin<sup>25</sup>, da mesma forma que, os contactos com o PCP são feitos através de “Amaral”, ou seja, Armando de Azevedo<sup>26</sup>.

Na verdade, todo o tipo de contactos e acção são levados a cabo pelos elementos vinculados aos Budas. Assistência militar, política e diplomática são constantemente citadas na correspondência e nos diários. Figuras do movimento republicano vinculadas aos Budas, como Francisco Oliveira Pio e Alexandrino dos Santos estão na frente de batalha, coordenando as acções militares. O primeiro, ocupa o posto de director da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais<sup>27</sup>, e o segundo, participa igualmente do

---

<sup>24</sup> Carta de Jaime de Morais a Moura Pinto datada de 15 de Maio de 1938. Arquivo Moura Pinto.

<sup>25</sup> A menção ao “Black” é uma constante nas cartas e no diário de Moura Pinto, sendo que o “Black in” passa a aparecer quando Negrin assume a Presidência do Governo, sendo Prieto chamado de Black Real. No entanto, como não se tem o acesso à totalidade das cifras usadas pelo grupo esta é apenas uma suposição, em parte confirmada somente pela menção de alguns nomes vinculados aos dois políticos espanhóis.

<sup>26</sup> Ver *Diário de Moura Pinto* nos primeiros meses da Guerra Civil, p. Arquivo Moura Pinto.

<sup>27</sup> Francisco Oliveira Pio nasceu em 17 de Janeiro de 1897. Em 1921, é nomeado Comissário da Divisão de Policia da Segurança Pública de Lisboa. No 28 de Maio, pela discordância que assume publicamente em relação ao movimento, é transferido para Bragança. Participa do movimento de 3 de Fevereiro de 1927, fugindo para França, Bélgica, e finalmente Espanha. Em 1934, é preso com Moura Pinto após o Caso Turquesa. Soito, fica em Madrid até à eclosão da guerra civil, quando é incorporado no 5.º Batalhão de Milícias Civis como Major. Participa em várias frentes de combate, incluindo a formação da linha de defesa da cidade universitária. É nomeado director da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e, posteriormente, chefe de Operações do 23º Corpo do Exército. Em 1939, ao passar a fronteira, é internado no campo de concentração na região de Montauban, de onde escapa para Argel. Nesta cidade, combate na resistência junto ao General Bethouart, é indicado pelos Budas, em 1945, como o seu representante no Hemisfério Norte. Em 1955, parte para o Brasil, retomando a resistência antissalazarista através do Movimento Nacional Independente. É membro do Grande Oriente Espanhol e possui fortes contactos com os espanhóis exilados em território brasileiro e com o governo republicano no exílio no México. Falece em 1972, no Rio de Janeiro.

treino militar do exército republicano<sup>28</sup>. César de Almeida, um dos elementos mais próximos ao grupo, presta serviços no Comissariado do Exército do Este, no Ministério da Defesa Nacional<sup>29</sup>. Jaime de Morais, Moura Pinto e Cortesão estão igualmente ligados aos serviços de informação, tendo um dos filhos de Morais, Óscar de Morais, trabalhado na Rádio republicana nas emissões destinadas ao território português<sup>30</sup>. A filha de Moura Pinto é voluntária no Hospital de Barcelona.

O Plano Lusitânia, que previa a invasão e a rebelião em Portugal, pondo fim ao colaboracionismo de Salazar com Franco, é o exemplo maior da união de interesses existentes entre os exilados e o então Governo de Espanha<sup>31</sup>. O assumido autor do “Lusitânia”, Jaime de Morais, vai classificá-lo em suas memórias de “ambicioso”<sup>32</sup>. No essencial, ele é a grande manobra militar, realizada com o auxílio directo do governo republicano de Espanha que, para tal, mobiliza meios e libera os portugueses combatentes em solo espanhol<sup>33</sup>. O encarregado de fornecer assistência à “tropa” lusa é o General Rojo, sendo que, graças a sua intervenção, os portugueses podem transitar nas zonas ocupadas pelos governamentais e ter acesso às bases militares e aos depósitos de armamentos<sup>34</sup>. Alguns dos principais nomes do governo, para além dos mencionados, estão constantemente citados na correspondência. Outros ainda, como o próprio Paulino, ou como Alvarez de Vayo, formam a rede de contactos do grupo português<sup>35</sup>.

Em San Juan de Abadessas, ao sul do território, fica situada a “base” dos portugueses, reunidos nas diversas unidades de combate republicanas. O responsável pelo recrutamento é um dos filhos de Jaime de Morais, o Capitão dos Carabineiros, Fernando de Morais. Com ele, estão os irmãos; Mário de Morais, Tenente dos Carabineiros, Óscar de Morais, Capitão de Artilharia, e Rui Morais, Tenente de Engenharia, para além de diversos oficiais das mais variadas patentes, como Mário Fernandes e Pedro Rocha. Em Portugal, os contactos com o norte, o centro e o sul de Portugal demonstram um clima propício para a revolta, contando com o auxílio das guarnições militares e de comandos formados por civis.

---

<sup>28</sup> As informações sobre Alexandrino dos Santos são escassas. Para além do seu processo na PVDE, ANTT, Processo SR 1451UI. 2345. Os dados obtidos de cartas e documentos dos dois arquivos citados apontam Alexandrino dos Santos como um “traidor”, que teria passado com dinheiro para a França, onde viveria, em 1940, como agricultor.

<sup>29</sup> Ver correspondência trocada entre Moura Pinto, César de Almeida e Jaime de Morais. Arquivo Moura Pinto.

<sup>30</sup> Óscar Waldemar Morais, o primeiro dos quatro filhos de Jaime de Morais participa das emissões logo no início dos combates. Ver: Anotações de Moura Pinto datadas de Espanha entre Novembro de 1936 até o final do primeiro trimestre de 1937. Arquivo Moura Pinto.

<sup>31</sup> Sobre o tema há pouco material publicado, ver, entre outros, FARINHA, Luís – *O Revivalho. Revoltas republicanas contra a Ditadura e o Estado Novo. 1926-1940*. Lisboa: Estampa, 1998. A melhor fonte sobre o Plano Lusitânia é o relato do próprio Jaime de Morais nas suas memórias, os apontamentos de Moura Pinto e as cartas cifradas trocadas entre ambos.

<sup>32</sup> *Memórias de Jaime de Morais*. Exemplar dactilografado, arquivo Jaime de Morais.

<sup>33</sup> Jaime de Morais afirma que o Governo espanhol estaria “pronto a auxiliar-nos, pedindo-nos em troca pouca coisa: que Portugal deixasse de abastecer e auxiliar os rebeldes”. *Memórias de Jaime de Morais*. Exemplar dactilografado, Arquivo Jaime de Morais.

<sup>34</sup> *Memórias de Jaime de Morais*. Exemplar dactilografado, arquivo Jaime de Morais.

<sup>35</sup> Ver, entre outros, o *Diário de Moura Pinto* no período da Guerra Civil, ou ainda, ver, entre outras, correspondência datada de Niteroi, Brasil, de 27 de Julho de 1945, de Jaime de Morais para Moura Pinto.

Em Janeiro de 1939, as dificuldades de comunicação, o rápido avanço das tropas franquistas e as desavenças internas levam ao fracasso do Plano<sup>36</sup> e “quando Portugal disse que estava pronto, acabava a guerra em Espanha”<sup>37</sup>. Jaime de Morais e Jaime Cortesão atravessam a fronteira para um longo exílio. Em França, encontram Moura Pinto, que deixara Barcelona meses antes, iniciando uma série de contactos para uma saída da Europa já às portas da guerra.

### 3. A permanência dos contactos no exílio: Castelao e a proposta da construção de uma oposição comum para a Península.

“Sevilla está en México [...]. Hizo el viaje a mi lado después de haver pasado un año en la prisión de Paris, al encontrale la policía española! en el Domicilio de Zugazagoitia, junto a este, en el momento de la detención, que precipió a sua traslado a España y vil fusilamento. También vino a mi lado el hijo mayor de Zuga, al que pude rescatar de la Zona ocupada por los alemanes, dias antes del fusilamento de su digno padre, modelo de ciudadanos, si los hay. [...]

Carta de Paulino Gomez Saiz, datada de Bogotá, 22 de Júlio de 1942, endereçada a Moura Pinto.

“Passei ontem, com o César, umas 3 horas falando com o Paulino. De ali fomos os dois primeiros ao Lamonedá, secretário do P.S.E. Creio que está conseguido o que mais urgia: um subsidio para Ali.”

Carta de Cortesão para Moura Pinto, datada de Paris, 19 de Maio de 1939.<sup>38</sup>

No exílio francês, mais uma vez, os caminhos dos Budas cruzam com os republicanos espanhóis, retidos nos campos de concentração de Argelès-Sur-Mer e St. Ciprien. Nestes campos, onde estão grupos de republicanos portugueses, os espanhóis assumem a identidade dos seus “vizinhos” e antigos companheiros de armas, com medo de serem entregues ao regime de Franco<sup>39</sup>. Novamente, os relacionamentos políticos e ideológicos vêm à baila na evocações dos auxílios solicitados. É o caso Jose Adão Ribas<sup>40</sup>,

---

<sup>36</sup> Um incidente ocorrido no acampamento português, que levou à morte de um anarquista e à prisão de Pedro Rocha, causando um mal-estar entre os oficiais e as autoridades locais. Para além disto, a recusa dos comunistas de darem andamento ao Plano, são os factores do fracasso do Lusitânia. Declarações de Fernando de Morais, filho de Jaime de Morais, tenente carabineiro encarregado do acampamento em *San Juan de Abadessas*. Julho de 2002.

<sup>37</sup> *Memórias de Jaime de Morais*. Exemplar dactilografado, Arquivo Jaime de Morais..

<sup>38</sup> Ali é o nome de código de Jaime de Morais.

<sup>39</sup> Sobre o tema ver CLÍMACO, Cristina. “A emigração política portuguesa em França (1927-1940). Fontes e Bibliografia”. In: *Penélope. Portugal no exílio no Século XX*. Lisboa: Ed. Cosmos, 1996, p. 153-177.

<sup>40</sup> José Ribas nasceu em Vigo, a 19 de Setembro de 1886, sendo casado com uma Portuguesa e possuindo uma ficha da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado de Salazar, assinalando a sua passagem por Portugal e vinculação ao anarquismo (ver Processo n.º ). Ribas está na Galiza quando do golpe de Franco, de onde escapa em Novembro de 1936. O seu nome é citado na lista apresentada no *Repertorio bibliográfico do exílio galego: Unha primeira achega*. Santiago de Compostela: Conselho de Emigración Galega, 2001, como refugiado em Argelès-sur-Mer. No entanto, Edgar Rodrigues cita um anarquista de nome Adão Ribas que, como José Ribas, é filho do dono de uma pequena fábrica de cerveja no Rio de Janeiro, teria igualmente passado por Portugal e pela Guerra Civil, tendo sido também preso e escapado da morte por conseguir uma declaração afirmando “ser português”, como o José Ribas, que está no núcleo português do campo. Segundo Carone, ele é expulso para Portugal, retornando após a guerra para a França, e, após uma passagem por Israel, retorna para o Brasil, onde falece. Os dados constam na obra *Os Companheiros*. Disponível em: <http://www.agrorede.org.br/ccca/edgar/Comps/COMP.AHTML>.

um galego, anarquista, vinculado em Barcelona ao Secretariado Executivo de Solidariedade Galega Antifeixista. Nas cartas dirigidas a Moura Pinto, Jose Ribas solicita o contacto com a Delegação espanhola para a Emigração, radicada em Paris, chefiada por Ossorio Taffal e Alejandro Vianna, ambos Galleguistas, do “Partido do amigo Castelao”<sup>41</sup>.

No entanto, nem os organismos criados pelos exilados espanhóis conseguem dar vazão aos pedidos dos republicanos confinados aos campos de concentração e a actuação dos Budas é ainda de menor efeito. Pelo contrário, são eles que buscam auxílio junto dos antigos companheiros de Espanha, também, por vezes, sem sucesso. Alberto Moura Pinto e Jaime de Morais chegam a ser presos, por falta de documentação e sob a égide das antigas acusações de conspiração do início da década<sup>42</sup>. Para Moura Pinto, a saída para o Brasil aparece como uma solução, visto a sua mulher, Maria do Carmo, ser brasileira. Com o auxílio da Embaixada brasileira em Paris, ele obtém um passaporte e consegue embarcar com a família. Depois, seguem para aquele país os filhos de Morais, Fernando e Óscar. Morais e Cortesão regressam a Portugal em 1940, sendo presos e deportados para o território brasileiro, iniciando assim a segunda etapa do exílio do grupo.

Após a chegada ao Brasil, os Budas colocam-se à frente de acções de protesto contra o governo de Salazar, possíveis, graças ao clima de “liberdade” reinante no país após a sua entrada na Segunda Grande Guerra. Na verdade, o governo brasileiro, uma ditadura chamada Estado Novo, como em Portugal, não mostra aparente hostilidade com os exilados políticos, desde que estes se mantenham distantes dos assuntos locais<sup>43</sup>. A declaração de guerra do Brasil contra a Alemanha e a Itália favorece o aparecimento de protestos e manifestações contra os regimes fascistas, incluindo os da Península Ibérica, capitaneados por democratas brasileiros e exilados.

Entre 1942 e 1945, este ambiente de aparente liberdade patrocina a realização de manifestações públicas pelos portugueses democratas, como a comemoração do aniversário da República, no dia 5 de Outubro, ou o envio de telegramas aos grandes líderes no final do conflito, em Outubro de 1945, pedindo que “cessem as prolongadas complacências que têm auxiliado Salazar a se manter no poder e contribuam, por essa forma, para que o povo português possa livremente escolher o seu governo e reingressar no contexto das nações democráticas e civilizadoras”<sup>44</sup>.

Assim como os republicanos espanhóis no exílio, com comités dispersos pelas Américas e Londres, os Budas assumem a condição de representantes do combate

---

<sup>41</sup> Carta datada de Argés-sur-Mer, de 8 de Abril de 1939. A correspondência de Jose Ribas data de Março a Maio de 1939, havendo ainda menções do seu nome na correspondência trocada entre Cortesão e Moura Pinto. Na sua última carta, afirma ter recebido notícias do irmão no Rio de Janeiro e estar convencido de poder ir para aquela cidade em breve.

<sup>42</sup> Moura Pinto é preso e solto após a actuação de um advogado francês, Albert Caro (ver Arquivo Moura Pinto). Já Jaime de Morais é obrigado a se refugiar na Bélgica, a espera da apelação feita junto ao governo de França para a obtenção de uma permissão de entrada. Esta última é obtida nas vésperas da invasão do território belga pelas tropas alemãs. Ver: Arquivo Jaime de Morais.

<sup>43</sup> Sobre o tema, ver, entre outros; SKIDMORE, Thomas – *De Getúlio a Castelo*, (1930-1964). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 e FAUSTO, Bóris (organizador) – *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III, vol. 1 a 4, São Paulo: Difel, 1984.

<sup>44</sup> Cópia da publicação do manifesto, datada de 20 de Outubro de 1945. Arquivo Moura Pinto.

anti-salazarista no Brasil, possuindo em Londres, como representante, Armando Cortesão, nos Estados Unidos Abílio Águas, e em Paris José Domingues dos Santos. É a chamada União dos Democratas Portugueses, presidida pelos três amigos e que reúne uma série de antigos companheiros, como João Sarmiento Pimentel, antigo companheiro da revolta de 3 de Fevereiro, e outros republicanos, há muito emigrados no Brasil.

De igual forma, os Budas iniciam tentativas de restabelecerem comunicação com os seus antigos companheiros de Espanha, já fixados em exílios na América Latina. Uma das primeiras respostas aos seus contactos, é recebida por Moura Pinto, proveniente de Bogotá, em 22 de Julho de 1942. Nela, o antigo Ministro de Estado, Paulino Gómez Saiz relata a tragédia do final da guerra civil, o terror passado na França e saída para o exílio na América<sup>45</sup>. A partir de 1943, intensificam a busca aos antigos companheiros espanhóis, e, em 25 de Fevereiro, os Budas enviam cartas de saudação ao antigo ministro Alvarez De Vayo e ao General Ascencio, ambos nos Estados Unidos<sup>46</sup>. Neste mesmo ano, a Editora Dois Mundos, aceita a sugestão de Jaime Cortesão de publicar, numa colecção coordenada por ele, a obra *Espana Heróica*, escrita pelo General Vicente Rojo<sup>47</sup>.

Paralelamente, alguns dos que passaram pelo conflito em Espanha descrevem nos jornais as suas experiências, denunciando as barbaridades cometidas pelas tropas franquistas, a aliança de Franco com Salazar e a passividade dos países, agora beligerantes, ante o avanço fascista em território espanhol durante a guerra civil<sup>48</sup>.

Todas essas acções apontam para um ponto de convergência: a necessidade dos exilados portugueses unirem os seus esforços aos emigrados políticos espanhóis para denunciarem e combaterem em conjunto os governos ditatoriais dos dois países da Península Ibérica. Num dos seus artigos, Morais, ao tratar dos problemas a serem enfrentados por Portugal e Espanha após o término da guerra, realça a ideia da necessidade de uma aliança ou bloco entre ambas as oposições, objectivando o combate das ditaduras e a construção da nova Europa após a vitória dos aliados:

“União que nada tem com a estafada mística de uma vetusta União Ibérica ou das fantasiosas Federação ou Confederação Ibérica do passado, União, bloco, ou o que

---

<sup>45</sup> O relato de Saiz relaciona diversos elementos ligados ao governo, descrevendo inclusive a prisão pelas autoridades espanholas em território francês do Ministro do Governo Julian Zugazagoitia Mendieta (1900-1940), posteriormente fuzilado em Espanha. Relata o regaste dos filhos de Zugazagoitia da zona ocupada pelos alemães, a chegada ao México do barco português Niassa, fretado por Indalecio Prieto para a saída de republicanos espanhóis do território francês e africano, assim como os planos dos exilados para a sobrevivência e os encontros com José Prat, “o humanista e o heterodoxo” (José Prat estava na Colômbia em exílio desde 1936, retornando a Espanha somente em 1976, quando assume a Presidência do Partido Socialista Obrero Espanhol). Arquivo Moura Pinto.

<sup>46</sup> As cartas estão no Arquivo de Jaime de Morais, depositado na Fundação Mário Soares.

<sup>47</sup> Ver correspondência datada de 26 de Abril, 24 de Julho, 1, 4 e 6 de Março e 28 de Julho de 1943, destinadas a diversas personalidades em Bogotá e ao próprio General Rojo, tratando do assunto da publicação, Arquivo de Jaime de Morais.

<sup>48</sup> O próprio Jaime de Morais é responsável por diversos artigos, como “Para onde caminha a Península”. In: *Diário Carioca*, 23 de Maio de 1943, p. 2 do Segundo Caderno; “Portugal e Espanha”. In: *Diário Carioca*, 2 de Setembro de 1944, p. 2 do Segundo Caderno; “O drama do Totalitarismo Neutral”. In: *Diário Carioca*, 13 de Fevereiro de 1944, p. 2 do Segundo Caderno e “Ainda andam lobos no Povoado”. In: *Diário Carioca*, 16 de Abril de 1944, p. 3 do Segundo Caderno.

quiserem, que seja um entendimento econômico e moral entre dois povos que, por mais que o discutam, tem uma homogeneidade étnica real.”<sup>49</sup>

Em 2 de Setembro de 1944, um velho amigo reata os laços com um dos Budas. Cortesão recebe uma carta de um intelectual, político e companheiro seu e de seus amigos em Espanha, Alfonso Daniel Manuel Rodríguez Castelao. Escritor e político, Castelao é um dos principais nomes da política autonomista galega nos anos trinta, sendo figura de relevo no “Partido Galeguista”, fundado em 1931, e que se bate pelo nacionalismo galego e prega o reconhecimento da autonomia para a Galiza<sup>50</sup>. Em 1933, é o mentor da *Galeuzca*, um Pacto firmado entre a Galiza, o País Basco e a Catalunha com o objectivo de formar uma “frente comum” de luta pelos nacionalismos em Espanha e a consequente aprovação dos Estatutos de Autonomia Basco e Galego<sup>51</sup>. Em 1934, é preso aquando da Revolta das Astúrias. Dois anos depois, eleito deputado por Pontevedra, entrega ao Governo Republicano a Carta de Autonomia da Galiza, referendada pelos galegos votantes. Com o golpe de Franco, transfere a sua residência para Barcelona, onde passa a actuar junto do governo republicano e funda um organismo chamado “Solidaridade Galega Antifeixista”. Em 1938, viaja como representante oficial da República, visando angariar apoios para a causa republicana, passando pela União Soviética, Cuba e Estados Unidos, partindo daí para o exílio na Argentina.

O contacto dos Budas com Castelao remonta aos anos trinta, sendo constante durante o período de permanência destes em território espanhol<sup>52</sup>. Eles possuem muitos pontos em comum, que vão desde o percurso de vida semelhante entre Jaime de Moraes, Cortesão e Castelao<sup>53</sup>, até as semelhanças ideológicas, já que os ideais de federalismo e nacionalismo defendidos pelo escritor galego não são “estranhos” aos republicanos exilados. O reencontro do escritor galego com os seus companheiros portugueses ocorre em 1944, quando o fim próximo da Segunda Guerra surge como uma esperança para os antifascistas da Península Ibérica.

A chegada da correspondência de Castelao, saudando os “três portugueses”, que representam o espírito autenticamente democrático de Portugal<sup>54</sup>, aparece como uma oportunidade para os Budas levarem avante a sua estratégia de aproximação com os espanhóis exilados. De facto, a grande questão é o reconhecimento internacional de

---

<sup>49</sup> MORAIS, J. – “Problemas da Europa Futura. Esclarecimentos a um leitor”. In: *Diário Carioca*, 6 de Junho de 1943, p. 2 do Segundo Caderno.

<sup>50</sup> Sobre o tema, ver, entre outros, RIEGO, F. Fernandez – “Castelao no Partido Galeguista”. In: Beramendi, J. e VILLARES, R. (org.) – *Actas do Congreso Castelao*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 1989, p. 49-57.

<sup>51</sup> Sobre o tema ver, entre outros, RIVAS, Xosé Luis Barreiro – “El Nacionalismo como estratégia: fundamentos históricos y alcance político de la declaración de Barcelona”. In: RIPS, vol.1, n.º1, 99-112; ESTEVEZ, Xosé – *De la Tríplíce Alianza al Pacto de San Sebastian (1923-1930)*. San Sebastian: Cuadernos Universitarios, 1991.

<sup>52</sup> Castelao e Cortesão estão juntos durante um dos primeiros bombardeamentos de Barcelona: “Poucas semanas depois das jornadas parlamentarias de Montserrat, nas que se apresentou o Estatuto, nos dias 16 a 17 de marzo, a polboación civil de Barcelona foi sometida a un bárbaro bombardeo [...] Castelao foi unha das vítimas. Bivia num pequeno hotel, onde tamén estaba o seu amigo, o escritor portugués Xaime Cortesão, na Rua de Balmes, perto da Univerdidade.” LOPEZ, Emilio Gonzalez – “Castelao na Guerra Civil”. In: *Actas do Congreso Castelao*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 1989, p.95.

<sup>53</sup> Todos os três iniciam o seu percurso com a medicina e, logo depois, abandonam o ofício para dedicarem à vida aos ideais políticos. No caso de Cortesão e Castelao, a trajectória intelectual é mais um dado que os aproxima.

<sup>54</sup> Carta de Castelao a Cortesão datada de 2 de Setembro de 1944. Arquivo Moura Pinto.

ambos os sectores da oposição antifascista; os Budas, pelo lado português, e o configurado por Castelao e os seus aliados, pelo lado espanhol, como representantes legítimos dos governos republicanos e democráticos da Península Ibérica no exílio.

No entanto, na sua primeira carta, Castelao traça uma imagem negativa da oposição republicana exilada e da falta de uma representatividade mais significativa para a República Espanhola:

“Los repúblicas desterrados ofrecen ás olhadas estranas un cadro lamentable de guerra civil na que se disparan inxurias e calumnias, e ás olhadas amigas soementes se ofrece o consabido desbaraxuste que sempre remou em Hespaña, provocador de dictaduras.[...] A realidade republicana é a seguinte: os socialistas están divididos em três bandos irreconciliables que provocan, á sua vez, divisións no campo dos republicáns liberaes; os republicáns de esquerda fixéronse satélites de Prieto ou ficaron escravos da Constitución do 31, non como punto de partida senon como tope; os comunistas utilizan a mentira como arma de combate e o engano como procedimento recandatorio, bulan moito e traballan como a pollila, pero vanse guedando sen amigos.”<sup>55</sup>

Na verdade, ambos os grupos de exilados, portugueses e espanhóis, sofrem as dificultades da representación opositora no exílio, com o choque das várias correntes políticas. No caso da representación espanhola, a cuestión das autonomias acrescenta un punto de discórdia, já agravada pela dissidència entre socialistas e comunistas. No caso dos exilados portugueses no Brasil, após 1945, o problema é semelhante, o que contribui para uma maior aproximação ao grupo espanhol<sup>56</sup>. Neste quadro, é que surge a proposta de Castelao de reviver a *Galeuzca*, com o apoio e a participación dos republicanos portugueses exilados, como uma representatividade única para a oposição ibérica. A união de portugueses, galegos, bascos e catalães<sup>57</sup> surge assim como uma nova leitura do velho “iberismo” e como uma nova imagem da liberdade e da democracia para a Península.

“Los directivos de GALEUZCA, de una parte, y los representantes de la democracia portuguesa en el exilio, de otra parte, podrían estudiar y concretar la naturaleza y forma de las relaciones que la primera propugana para toda la Península Ibérica, a los efectos de confirmarlas por los pueblos interesados democráticamente y de ser propiciadas desde el poder yan pronto fuesen instalados los gobiernos respctivos al derrocamiento de los regimenes dictatoriales que actualmente sojuzgan a los pueblos peninsulares”<sup>58</sup>.

---

<sup>55</sup> Carta de Castelao a Cortesão datada de 2 de Setembro de 1944. Arquivo Moura Pinto.

<sup>56</sup> A partir de 1943, apesar de ainda vigorar no Brasil uma ditadura, a de Getúlio Vargas, denominada Estado Novo, os grupos de esquerda vão abrir espaço político no governo, sendo que, no final da Guerra, em 1945, e após a deposição do ditador, o Partido Comunista Brasileiro, no seu curto período de legalização, vai se aproximar dos elementos comunistas do exílio português. Sobre o tema ver: PAULO, Heloisa. “O outro lado da moeda: o discurso da oposição no exílio, dos anos trinta ao movimento democrático da década de cinquenta”. In: *Aquí también é Portugal!*. A colónia portuguesa do Brasil e o Salazarismo. Coimbra: Editora Quarteto, 2000, p.539 e seguintes.

<sup>57</sup> “Politicamente os galegos podemos equipararnos aos vascos e cataláns e as tres forzas reunidas en Galeuzca representan a enerxía frénica do republicanismo hespañol. Galeuzca ofrece três unidades concordes e dispostas a integraren unha concórdia xeral hespanola, que si non está xá formada é porque os centralistas viven no máis terrible desbaraxuste.”. Carta de Castelao, destinada a Cortesão, Moura Pinto e Morais, datada de 11 de Dezembro de 1944, Arquivo Moura Pinto.

<sup>58</sup> *Sugestiones para un proyecto de Alianza o de Union Iberica con Portugal*. p. 1. Datado de Buenos Aires. Março de 1945. Arquivo Moura Pinto.

A sugestão feita por Castelao passa a ser tratada na correspondência trocada entre os Budas e os seus companheiros. Entre os correspondentes citados, está Armando Cortesão, irmão de Jaime Cortesão, e então residente em Londres, onde busca uma aproximação com a Delegação Basca, tentando empreender um trabalho em conjunto, com base na proposta da Galeuzca. Segundo o próprio Armando Cortesão em carta dirigida a Jaime de Moraes, datada de 12 de Abril de 1945, desta ligação resulta uma comissão que, segundo suas palavras, “trabalhou durante três meses e acabou por se desintegrar, pois os espanhóis não tem maneira de se entender! Uma tristeza”<sup>59</sup>.

No entanto, os Budas fazem de Castelao o seu representante junto ao Governo Republicano espanhol no exílio, que, em 1945, reúne as Cortes na sua primeira assembleia fora da Europa<sup>60</sup>. Para tal, é preciso entregar ao deputado galego credenciais passadas pelos três republicanos portugueses, e, para tal, era preciso que Castelao conseguisse sair da Argentina e seguir para o México, tarefa difícil para um exilado político, sem um passaporte válido. Através de contactos com o meio político brasileiro, nomeadamente, o partido socialista<sup>61</sup>, um passaporte provisório é obtido em nome do escritor galego, facilitando a sua passagem pelo Brasil e ida para o México. Resolvido o problema do passaporte<sup>62</sup>, a vinda de Castelao é pensada de forma a transformá-lo num “porta-voz” dos republicanos portugueses, não só perante o Governo Republicano de Espanha, mas diante da comunidade internacional, que estaria atenta as reuniões das Cortes no México, e acompanharia Castelao na sua trajectória.

Com Castelao chegam ao Rio de Janeiro dois outros amigos dos portugueses; Jose Antonio Aguirre<sup>63</sup> e Manuel de Irujo y Olló<sup>64</sup>:

“Conseguimos que o Governo Brasileiro permitisse que, três deputados espanhóis, pudessem seguir para o México, via Rio (isto desde Buenos Aires), quando todos os muitos por demais tiveram de ir pela Costa do Pacífico.

Tratava-se de José Lasarte, deputado nacionalista basco, por S. Sebastian, Villanueva, deputado republicano galego por Pontevedra e, finalmente, Afonso Castelao, que por certo conhece como o nosso dedicadíssimo amigo e chefe dos galeguistas no mundo, fundador da GALEUZCA (Galiza-Euskadi-Catalunha), cuja política é idêntica a do nosso amigo, o dr. Aguirre, chefe dos bascos, e do seu colega catalão. Supomos mesmo que a estas horas deverá ter entrado no Gabinete de Giral, como representante dos galegos, ao lado de Irujo, nosso velho amigo também, e de Santaló, que conhecemos menos.

---

<sup>59</sup> Armando Cortesão em carta dirigida a Jaime de Moraes, datada de Londres, de 12 de Abril de 1945, Arquivo Jaime de Moraes, Fundação Mário Soares.

<sup>60</sup> Sobre o tema ver, entre outros, TUSELL, J.; ALTED, A. y MATEOS, A. (eds) – *La Oposición al régimen de Franco*. Madrid: UNED, 1990, p.2.

<sup>61</sup> Nomeadamente com o então jornalista Hermes Lima, futuro fundador do Partido Socialista Brasileiro. Ver correspondência de Moraes, Moura Pinto e Cortesão nos dois arquivos citados.

<sup>62</sup> Carta de Cortesão para Moura Pinto, datada de 6 de Janeiro de 1945. Arquivo Moura Pinto.

<sup>63</sup> Deputado do Partido Nacionalista Basco, membro da primeira Galeuzca e Presidente do 1º Governo Basco Autónomo.

<sup>64</sup> Em Setembro de 1936, Irujo é nomeado ministro sem pasta no governo de Largo Caballero, representando o Partido Nacionalista Basco. No ano seguinte, ocupa a Pasta da Justiça. Após o término do conflito, parte para a Inglaterra, onde passa a incorporar a representação do governo basco no exílio. Retorna a Espanha em 1977, sendo eleito deputado pelo seu antigo partido. Morre em 1981.

A sua estada aqui foi um autêntico sucesso que os comoveu até às lágrimas. Foram acarinhados pela colónia espanhola, por toda a intelectualidade e imprensa brasileira e, sobretudo, por nós e nossos amigos, de facto os promotores e organizadores de todos os detalhes da recepção.”<sup>65</sup>

Os vínculos mantidos pelo grupo de Moura Pinto, Cortesão e Morais com os defensores da autonomia em Espanha contribuem para a formulação, por parte de Castela, de uma proposta que vai além de uma simples representatividade. De facto, em Março de 1945, a *Galeuzca* envia para os Budas um documento denominado “Sugestiones para un proyecto de Alianza o de Union Iberica com Portugal”<sup>66</sup>. Neste texto é apresentado um conjunto de sugestões para a “concretização” de uma “União Ibérica”, a ser estabelecida a partir de um pacto entre os representantes dos portugueses no exílio, no caso os Budas, e os membros da *Galeuzca*:

“Los directivos de GALEUZCA, de una parte, y los representantes de la democracia portuguesa en el exilio, de otra parte, podrían estudiar y concretar la naturaleza y forma de las relaciones que la primera propugana para toda la Península Ibérica, a los efectos de confirmarlas por los pueblos interesados democráticamente y de ser propiciadas desde el poder yan pronto fuesen instalados los gobiernos respctivos al derrocamiento de los regimenes dictatoriales que actualmente sojuzgan a los pueblos peninsulares”<sup>67</sup>.

Na verdade, estas “sugestões” apresentam dois caminhos possíveis para uma acção comum entre galegos, catalães e bascos e os portugueses; a primeira passa por uma aliança para actuação em questões comuns, envolvendo pontos como política internacional, defesa comum ou comércio exterior; e a segunda, pela consolidação de uma proposta mais ambiciosa, a criação de uma representação “ibérica” oposicionista, reunindo Portugal, representado pelos Budas, e os dirigentes das penínsulas envolvidas, que responderiam em nome de toda a Espanha.

No entanto, os Budas também já possuíam um plano de acção em relação aos seus companheiros espanhóis, que, apesar de dar as províncias autónomas de Espanha um lugar de destaque, considera ponto passivo os contactos com os representantes “legais” da República espanhola no exílio. Na *Nota sobre la colaboración con los portugueses*, documento localizado no arquivo de Moura Pinto, escrito em conjunto por este, Jaime de Morais e Jaime Cortesão, para além de se considerarem legítimos representantes dos exilados portugueses<sup>68</sup>, estabelecem que só podem, “pactar com el Jefe del Estado Español, el Presidente de las Cortes, o con el Gobierno que pueda nombrar algun dia, com arreglo a las normas constitucionales.”<sup>69</sup>. No entanto, a

---

<sup>65</sup> Cópia da carta de Jaime de Morais a Armando Cortesão, sem data, Arquivo Jaime de Morais.

<sup>66</sup> *Sugestiones para un proyecto de Alianza o de Union Iberica com Portugal*. Datado de Buenos Aires. Março de 1945. Arquivo Moura Pinto.

<sup>67</sup> *Sugestiones para un proyecto de Alianza o de Union Iberica com Portugal*. p. 1. Datado de Buenos Aires. Março de 1945. Arquivo Moura Pinto.

<sup>68</sup> “El comité portugués representa todas las fuerzas antifascistas del país y por lo tanto se considera um organismo estatal”. *Nota sobre la colaboración con los portugueses*. p. 1. Arquivo Moura Pinto.

<sup>69</sup> *Nota sobre la colaboración con los portugueses*. p. 1. Arquivo Moura Pinto.

necessidade da anuência de todos os grupos políticos de Espanha é explícita neste documento:

“Los portugueses desejarían la formación de un Comité especial constituído com el único objeto hacerse cargo de las relaciones com Portugal y de la ejecución del pacto, y em que esten representadas todas las entidades y grupos firmantes. Preferirían que también formaran parte de esta entidad representantes de las sindicales y del Partido Republicano de Galicia, pero no les parece tan necesario como la participación de las entidades y partidos ya indicados. Em el pensamiento de los Portugueses no se trata de uma entidad que haga una labor práctica sino de un organismo que asume la responsabilidad política del pacto y de las relaciones com los Portugueses antifascistas. Como no hay ninguna necesidad que se reúna, pudieran formar parte de esta entidad personalidades residentes en vários países<sup>70</sup>”.

A menção directa à colaboração de elementos não afectos ideologicamente aos republicanos, como os comunistas, confirma a decisão dos exilados portugueses de encontrarem um consenso geral para a formulação de um pacto comum, segundo estes, necessário e imprescindível, para o combate internacional das ditaduras ibéricas:

“Desde luego preferirían que todas las fuerzas antifascistas tomaran parte em la previa deliberacion, pero ni pensarian em firmar por su parte si no tuvieran por lo menos la garantia de uma participacion real y efectiva de los Republicanos, de los Socialistas, de los Comunistas y de las Juntas Autónomas de Catalunha y Pais Vasco”.<sup>71</sup>.

Mais detalhado que a proposta da *Galeuzca*, este plano prevê a existência de comissões técnicas, sendo cada uma delas voltada para o estudo das relações entre os dois governos. No âmbito económico, o grupo encarregado analisaria soluções para os problemas comuns, como o transporte, as vias de comunicação, os problemas de distribuição das águas dos rios comuns e as questões relacionadas com o fim das fronteiras económicas entre os dois países. Na esfera do ensino e da propaganda cultural, seriam procuradas fórmulas para o seu intercâmbio cultural, quer seja através do ensino obrigatório de ambas as línguas na península, quer através da permuta de estudantes e professores<sup>72</sup>. São ainda estabelecidas actividades imediatas, como a ajuda às acções da clandestinidade oposicionista espanhola, para além de estabelecer os parâmetros para a propaganda da oposição em ambos os países, oferecendo a utilização da revista *Afinidades*, publicada em Portugal por Leonel de Roulet, e da qual colaboram intelectuais de diversas matizes políticas como António Sérgio, republicano, e Mário Dionísio, comunista. O editor estaria disposto a acrescentar artigos de espanhóis na revista, desde que, inseridos no âmbito cultural e liberados pela censura portuguesa<sup>73</sup>. Para além deste veículo de comunicação, está prevista a compra

---

<sup>70</sup> Nota sobre la colaboración con los portugueses. p. 1. Arquivo Moura Pinto.

<sup>71</sup> Nota sobre la colaboración con los portugueses. p. 1. Arquivo Moura Pinto.

<sup>72</sup> Nota sobre la colaboración con los portugueses. p. 3. Arquivo Moura Pinto.

<sup>73</sup> Nota sobre la colaboración con los portugueses. p. 5. Arquivo Moura Pinto.

do periódico *O Globo*, propriedade de Sabino da Costa, também localizado em Portugal, para a divulgação da propaganda oposicionista na Península<sup>74</sup>.

A missão confiada pelos Budas a Castela, como representante dos portugueses, é a entrega deste Plano às Cortes reunidas no México. Apesar de toda afinidade ideológica existente entre eles, a formalização de um Pacto entre os opositores de Portugal e de Espanha só teria algum valor no cenário internacional se ocorresse entre representantes com possibilidades de reconhecimento por países membros da recém criada Nações Unidas<sup>75</sup>.

O clima tenso da reunião das Cortes na cidade do México, em 17 de Agosto de 1945, não é visto com bons olhos pelos Budas. As dissidências entre os espanhóis não satisfazem os exilados portugueses que temem pelas consequências futuras, sobretudo em termos da eficácia representativa de Giral<sup>76</sup>, denominado pejorativamente por Moura Pinto como “o boticário”<sup>77</sup>:

“Está certo o que diz de “nuestros deplorables hermanos”. Creio que o caso teratológico de três portugueses que se entendem, até quando discrepam, se baseia na singularidade de trabalharmos com os miolos e não com a medula. Ora este “discreto desastre” hispânico é de fazer frio, mesmo em dia quente. O Boticário, o Barcia, o Gallardo!! Seria um Governo seria um governo excelente para convencer o Churchill, se ainda governasse, de que era possível arranjar em Espanha um curro de bois velhos que não morrassem! Aquele Prieto é espantoso, de aldeanismo, obstinado, rancoroso e estéril.[...]<sup>78</sup>

Porém, como este é o governo oficialmente “reconhecido” dos republicanos espanhóis exilados, os republicanos portugueses enviam recomendações a Castela no sentido<sup>79</sup>. Por sua vez, o próprio Martinez Barrio, através de uma correspondência enviada por José Lasarte, reconhece a importância da acção conjunta entre os dois sectores da oposição ibérica, curiosamente endereçando a carta a “Comisión Ejecutiva del Partido Trabalhista Português”<sup>80</sup>.

---

<sup>74</sup> Nota sobre la colaboración con los portugueses. p.7, 8 e 9. Arquivo Moura Pinto.

<sup>75</sup> O México foi o primeiro a reconhecer o governo dos exilados republicanos como o único representante legítimo do povo espanhol. Sobre os problemas do reconhecimento da República espanhola no exílio, ver, entre outros, LLEONART Y ANSELM, A. J. y CASTIELLA Y MAIZ, F. M. – *Espana y ONU*, I, (1945-46). Madrid: CSIC, 1978.

<sup>76</sup> Sobre o governo de Giral há um texto interessante do próprio Giral, onde a sua passagem pelo governo no exílio é pintada com cores bem brandas. Ver: GIRAL, José – “Actividades de los Gobiernos y Partidos Republicanos (1939-1976)”. In: ABELLÁN, Jose Luis – *El exilio español de 1939*. vol. 2. Madrid: Taurus, p.181-225.

<sup>77</sup> Sobre o tema, ver, entre outros; SANTOS, Félix – “Los exilados de la Guerra Civil”. In: *Exilados y emigrados. Cuadernos de la Fundacion Espanoles en el Mundo*. N.º 22. Madrid, 1999. p. 11 e seguintes.

<sup>78</sup> Carta de Moura Pinto a Jaime de Morais, datada de 29 de Agosto de 1945. Arquivo Jaime de Morais.

<sup>79</sup> Conforme trecho na mesma carta acima citada, Moura Pinto afirma que para além do envio do telegrama, e de uma recomendação a Castela (“Na plena concordância com o seu ponto de vista, telegrafamos ao Castela, pedindo bota aqui ao ferrolho...se for este o caminho até aquela triste Puerta do Sol...extraterritorial”), “por aqui ficamos”, assumindo um posicionamento de distância ante os conflitos da representação espanhola.

<sup>80</sup> “El destino fecundo de nuestra dos pueblos reposa sobre la comunidad de sus actividades democráticas y el ejercicio que conjuntamente pretemos a las respectivas libertades nacionales”. Carta datada do México de 22 de Novembro de 1945, anexada a carta enviada por José Lasarte a Jaime Moura Pinto(?), datada de 20 de Dezembro de 1945.

O ano de 1946 é marcado por uma ausência de correspondência política entre os Budas e os seus amigos espanhóis<sup>81</sup>. Em Dezembro deste ano, a Assembleia Geral das Nações Unidas rejeita a proposta do delegado mexicano para uma intervenção internacional contra o governo franquista, provocando um impacto em ambos os grupos. Mas, a ideia de uma actuação comum contra as ditaduras ibéricas não é abandonada pelos Budas, ainda que sempre vinculada à representação oficial do governo espanhol no exílio. Assim sendo, em 1947, já no governo de Rodolfo Llopis, Jaime Cortesão, como representante do grupo, escreve a nota de abertura do jornal *Libertação*, editado em comum pela Associação Brasileira dos Amigos do Povo Espanhol e a Sociedade dos Amigos da Democracia Portuguesa. Na primeira página deste periódico, Cortesão apresenta uma saudação aos republicanos espanhóis, mostrando uma solidariedade que, forjada nos ideais republicanos comuns e pelos horrores da Guerra Civil espanhola, vai permanecer apesar dos rumos tomados pelos seus exilados:

“Todas as Nações livres devem aos povos ibéricos, por fraternidade humana e defesa da liberdade, apoio ao combate que estão travando contra a tirania que as oprime. Mas ao povo espanhol, em particular, todos devemos os maiores esforços para ajudá-lo nessa luta”<sup>82</sup>.

---

<sup>81</sup> Uma hipótese quanto ao silêncio seria a distensões internas que acabaram por levar a crise o governo de Giral, a partir desta data. Sobre o tema, ver, entre outros: MARICHAL, Juan – “Las fases políticas del exílio (1939-1975)”. In: ABELLÁN, Jose Luis – ob. cit., p. 229-236.

<sup>82</sup> CORTESÃO, J. – “Saudação ao Povo Espanhol”. In: *Libertação*. Ano I. n.º1, Rio de Janeiro, 14 de Abril de 1947, p. 1.